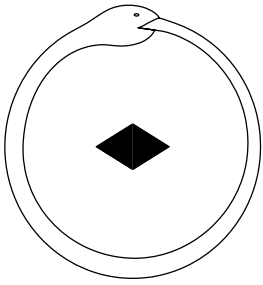


ESTRATÉGIAS SOLARES
DE SOBREVIVÊNCIA
Aza Njeri



cadernos
SELVAGEM



ESTRATÉGIAS SOLARES DE SOBREVIVÊNCIA

Aza Njeri

Este caderno é composto pela transcrição da fala de Aza Njeri sobre o Sol, gravada no dia 14 de março de 2024, na exposição [Mbaé Ka'á](#), no Museu do Jardim Botânico do Rio de Janeiro. O vídeo de Aza pode ser [acessado aqui](#) como parte do Ciclo Sol, que conta com 17 falas.

Eu queria abrir essa fala aqui trazendo uma máxima filosófica **Bacongo**. Os **Bacongos** são de um grupo etnolinguístico da linhagem **Banto**. Os **Banto** são um grande grupo etnolinguístico, como são, por exemplo, as línguas latinas. O português faz parte do grande grupo etnolinguístico das línguas latinas e os **Bacongos** fazem parte de um grande grupo etnolinguístico chamado **Banto**, que tem algumas características em comum, dentre elas a base linguística muito próxima de etnia para etnia. Mas tem uma coisa que a gente consegue ver em diferentes comunidades do continente africano, mas sobretudo nas diferentes comunidades da afrodiáspora, no caso o Brasil como uma delas, que é uma máxima filosófica que diz: todo **Muntu** é um Sol vivo. Então, traduzindo: todo ser humano é um Sol vivo. Essa é uma máxima filosófica africana **Banto**, sobretudo **Bacongo**, mas você vê essa noção também no **Zulus** e em outros grupos de origem **Banto**. Mas quem fundamenta essa noção de que nós, sem exceção, somos sóis vivos é o povo **Bacongo**.

E aí é importante dizer que os **Bacongos** vêm para o Brasil no processo de sequestro e escravização e desumanização radical. Então, veja: essas pessoas estavam no continente africano, com seu conjunto filosófico, estético, comportamental, social, quando, de repente, chegaram pessoas e sequestraram esse grupo. Esse grupo embarcou, atravessou e desembarcou dentro de um modelo de desumanização radical. Quando saíram de África, a gente estava falando de **Bacongos**, **Zulus**, **Chopes**,

Macuas, Rongas, Tsongas, etc. Quando chegam na América, nós estamos falando de negros. Na verdade, o que aconteceu na travessia do Atlântico foi uma quebra ontológica. Retiraram de nós uma humanidade durante o percurso da travessia e homogeneizaram grupos que eram completamente diferentes, seja filosoficamente, linguisticamente, socialmente. Homogeneizaram todos dentro de uma alcunha “negro”.

Depois disso vai se desenvolver com a negritude, mas já numa perspectiva de América, de diáspora. E a gente vai se perguntar em que condições essas pessoas chegaram aqui. Então, efetivamente, essas pessoas, agora negras, escravizadas, num contexto de escravização, e não de escravidão – pois foram postas num lugar de escravidão – elas desembarcam portando três coisas: o corpo, isso é inegável, a palavra e o conjunto filosófico ético e estético que eles guardaram das suas etnias. E, dentre esses conjuntos filosóficos, éticos e estéticos africanos que desembarcaram no Brasil, vem a máxima de que nós somos um Sol vivo.

Os **Bacongos** são oriundos principalmente do Congo e de Angola. “Ba” é povo, então “**Bacongo**” seria povo do Congo. Só que a gente vai ver que os **Bacongos** estão hoje em Cabinda, que é Angola. Então, como é que pode o povo do Congo não morar no Congo? Colonialismo. O colonialismo vai separar as fronteiras e fazer com que, majoritariamente, os **Bacongos** hoje sejam cidadãos angolanos, e não congolese. Mas por que isso importa para a gente? Porque nós sabemos, historicamente, que o primeiro escravizado a desembarcar no Brasil em 1536 foi uma pessoa congo-angola. Então, a chance dessa filosofia ter sido a primeira filosofia africana a chegar aqui é muito grande. Não podemos provar, mas me parece bastante possível. E não só isso. Os povos africanos da região do Congo e de Angola são aqueles que vão vir durante o maior tempo, são os primeiros a chegar e os últimos a deixarem de chegar. Eles foram trazidos em maior quantidade.

Então, a chance do enraizamento cultural africano no Brasil ser um enraizamento de base **Banto** é muito grande. Tanto é que nós falamos um português bantutizado, um português cuja base, a cadência e o ritmo é de uma influência direta do kimbundo, que é uma língua angolana. Se a gente fala “falano”, “comeno”, isso é a influência da base rítmica do kimbundo, que se enraizou aqui. Essas pessoas que aqui chegaram

não falavam português. Português é uma língua imposta. E o que acontece quando você fala uma língua imposta? Você fala com sotaque. E é esse sotaque que se enraíza enquanto estratégia de sobrevivência aqui no Brasil, linguisticamente. O que eu estou tentando dizer é que parece que se entender como um Sol vivo está num lugar muito distante de nós, mas na verdade não está.

Veja bem: estamos aqui no século XXI e eu tenho certeza absoluta de que nenhum de nós aqui iria aguentar uma chicotada. Tenho certeza de que nenhum de nós aqui iria aguentar um processo radical de desumanização contínuo, longo, que vai limitando a sua existência. Porque, apesar da chicotada, os nossos ancestrais acharam pertinente deixar uma descendência? Se eu fosse escravizada, não sei se eu iria deixar um filho hoje para ser escravizado também. Mas os nossos ancestrais acreditaram que viver vale a pena. E essa é uma grande herança dos nossos ancestrais **Bantos**, quando desembarcam aqui. Apesar da chicotada, apesar da escravização, apesar da desumanização, eu sou um Sol vivo. E essa máxima, essa crença inegociável na força vital, foi o que permitiu que a população negra permanecesse aqui até hoje. E isso é um futuro ancestral. Isso é como se fosse uma semente filosófica guardada entre aqueles extremamente desumanizados e que fazia sentido.

Apesar de dizerem que eu não sou gente, apesar de não me darem o que comer, apesar de me baterem, eu, com o meu corpo, minha palavra, e as minhas crenças acredito que sou um Sol vivo. E isso é inegociável. E aí a gente não entende na contemporaneidade como é que as pessoas pretas, pobres, periféricas com problemas muito sérios continuam acreditando que viver vale a pena. Porque viver vale a pena. Essa é uma tecnologia filosófica ancestral que nós herdamos aqui no Brasil e ela é muito viva no nosso comportamento social contemporâneo.

Dentro desse conjunto de crenças, essa máxima de se entender como um Sol vivo vai dizer para a gente o seguinte: o nascimento de uma criança na comunidade é como um raiar de um Sol. E é responsabilidade da comunidade matrigestar esse Sol para o seu livre caminhar na vida. Então, como somos ancestrais do futuro – todos nós aqui, sem exceção, somos ancestrais do tempo futuro – para que a gente possa garantir essa ancestralidade futura, para que a gente possa garantir a solaridade das

nossas comunidades, nós precisamos nos responsabilizar. Então, essa máxima filosófica **Bacongo** vai chegar aqui para a gente num período de escravização e desumanização. O tempo inteiro vai nos dizer: está ruim, mas a comunidade matrigesta esse Sol. Para todos nós.

Veja bem, os **Bacongos** não falaram “todo mundo é um Sol vivo, menos o João, menos as pessoas trans, menos não sei o quê”. Não existem esses recortes. É sem exceção, é sem recorte, é sem porém. Todos nós somos sóis vivos.

Então, seria função de uma comunidade saudável, de uma sociedade saudável, garantir o percurso desse Sol, para que ele possa chegar ao brilho máximo do Sol do meio-dia, mas que, sobretudo, ele possa ter um entardecer com dignidade. E aí, diante disso, eu pergunto para vocês: o Brasil acende Sol? Vocês acham que o Brasil acende Sol? Vocês acham que o modelo social em que nós vivemos hoje, na contemporaneidade, está muito mais para o acendimento ou para o apagamento do nosso Sol enquanto sujeitos contemporâneos que somos? E essa resposta, que não precisa ser dada, bate diretamente nessa noção que nós vivemos contemporaneamente da desumanização radical contínua e ininterrupta. E vocês moram no mesmo país que eu, então não preciso contar aqui as desgraças, porque basta abrir o jornal que a gente vai ver que viver numa sociedade contemporânea como a nossa é um ato de bravura. E viver solarmente é um ato de revolução. É um ato de revolução. A gente aprendeu com eles que aqui chegaram.

Apesar dessa desgraça, apesar do Brasil ser uma porcaria, viver vale a pena. E essa é uma chave filosófica herdada pela população negra na América como um todo. Isso não é só o Brasil. Os povos **Bantos** se espalharam na América, mas essa máxima é muito vista aqui, principalmente na capoeira. De maneira geral, essa experiência está na América. Então, essa herança africana vai enraizar a diáspora. E o que é a diáspora? A diáspora nas Américas? Existe também a diáspora na Europa, mas é mais contemporânea. No século XX, os afropeus vão para lá, constituir seus territórios na França, em Portugal, etc. Mas, em contexto de América, as pessoas negras estão neste continente por uma questão de barco. E pessoas negras são afro-brasileiras por uma questão de barco. Porque o barco dos meus ancestrais desembarcou aqui. Mas poderia ter desem-

barcado no Chile e eu seria afro-chilena. Nos Estados Unidos, eu seria afro-estadunidense. Então, essa noção de deslocamento, principalmente de desenraizamento, vamos dizer assim, é uma noção tão violenta, em primeiro lugar, que os nossos ancestrais, com o corpo, palavra e crença, se agarraram nisso para fazer matéria de sobrevivência.

E aí não é toa o que a gente vê aqui como os grandes aparatos filosóficos culturais africanos na América? Capoeira, que é corpo, palavra e crença. Capoeira é filosofia pura. O jongo: corpo, palavra e crença. O samba: corpo, palavra e crença. E eu posso ficar aqui até amanhã, porque eu fiz essa pesquisa. Todas as heranças africanas no Brasil são baseadas em corpo, palavra e crença. Então, a gente está falando de estratégias extremamente sofisticadas, mas sobretudo, estratégias solares que permitiram que a gente continuasse.

Então, para finalizar, a gente pode trazer, por exemplo, uma outra máxima africana, também **Banto**, mas agora de base **Zulu**, que é a filosofia **Ubuntu**. Ela diz: eu sou porque nós somos. Mas o que é isso? Virou até *hashtag*, nome de restaurante, está nesse lugar capitalizado. Mas o que significa “eu sou porque nós somos”? Significa que a minha humanidade, mais do que humanidade, a minha força vital, ela se estabelece no momento em que eu reconheço e promovo a sua força vital. E o mais interessante nisso tudo é que essa máxima é para pensar a força vital de toda a teia ecossistêmica. Então, quando a gente fala que todo **Muntu** é um Sol vivo, que nós somos sóis vivos, que nós somos interconectados, não estamos falando somente sobre a cadeia humana. Estamos falando sobre tudo aquilo que detém força vital. Então, a árvore em frente à minha casa, que eu olho desde meus 17 anos e ela está lá, essa árvore faz parte da minha teia ecossistêmica. E abalar aquela árvore é abalar o meu Sol, porque nós somos um só. E foi com essa base de conexão ecossistêmica, uma base de teia ecossistêmica, que os nossos ancestrais conseguiram resistir, permanecer e continuar. É isso.

AZA NJERI é escritora, roteirista, multiartista, crítica teatral e literária, mãe, podcaster e youtuber. Professora doutora em Literaturas Africanas e pesquisadora de Filosofias, Culturas, Literaturas e Artes africanas e afro-diaspóricas. Professora do Programa de Pós-Graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade PUC-Rio e da Graduação do Departamento de Letras PUC-RJ. Coordenadora do Laboratório de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares sobre o Continente Africano e as Afro-diásporas PUC-Rio.

O trabalho de produção editorial dos Cadernos Selvagem é realizado coletivamente com a comunidade Selvagem. A direção editorial é de Anna Dantes, a coordenação é de Alice Faria. A diagramação é de Tania Grillo. Mais informações em selvagemciclo.com.br

Todas as atividades e materiais do Selvagem são compartilhados gratuitamente. Para quem deseja retribuir, convidamos a apoiar financeiramente as Escolas Vivas, uma rede de 5 centros de formação para a transmissão de cultura e conhecimentos indígenas. Saiba mais aqui: selvagemciclo.com.br/colabore